



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGÊS**

LUANA MENDES MONTEIRO

**A DUPLA NEGAÇÃO: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DA LINGUAGEM DE
FALANTES MONTEIRENSES**

**MONTEIRO-PB
2025**

LUANA MENDES MONTEIRO

**A DUPLA NEGAÇÃO: UMA ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA DA LINGUAGEM DE
FALANTES MONTEIRENSES**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras - Português do Centro de Ciências
Humanas e Exatas da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de Licenciada em Letras - Português.

Área de concentração: Sociolinguística

Orientador: Prof. Dra. Noelma Cristina Ferreira dos Santos

**MONTEIRO
2025**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M775d Monteiro, Luana Mendes.

A dupla negação [manuscrito] : uma análise sociolinguística da linguagem de falantes monteirenses / Luana Mendes Monteiro. - 2025.

57 f. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2025.

"Orientação : Prof. Dra. Noelma Cristina Ferreira dos Santos, Coordenação do Curso de Letras - CCHE".

1. Variação linguística. 2. Sociolinguística. 3. Dupla negação. I. Título

21. ed. CDD 306.44

LUANA MENDES MONTEIRO

A DUPLA NEGAÇÃO: UMA ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA DA LINGUAGEM DE
FALANTES MONTEIRENSES

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso
de Letras Português da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de
Licenciada em Letras

Aprovada em: 05/06/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Jordão Joanes Dantas da Silva** (***.091.974-**), em **25/06/2025 08:25:11** com chave **0eaa632a51b711f096f92618257239a1**.
- **Noelma Cristina Ferreira dos Santos** (***.681.054-**), em **25/06/2025 08:28:12** com chave **7a6b542a51b711f0803706adb0a3afce**.
- **Aymmée Silveira Santos** (***.235.214-**), em **25/06/2025 14:10:23** com chave **47e5edbe51e711f0aafd1a7cc27eb1f9**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final

Data da Emissão: 25/06/2025

Código de Autenticação: 4065e8



À minha filha, que foi meu maior impulso e inspiração para seguir em frente,
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Chegar até esse momento não foi nada fácil. A trajetória até aqui foi de muita coragem e determinação. Afinal, acordar todos os dias às 05:00hs, sair da zona rural para a cidade, cumprir com todas as obrigações e afazeres não é para qualquer um. Muitas pessoas não suportam esse processo, mas, mesmo com tantas dificuldades, procurei seguir em frente. Primeiramente, e acima de tudo, quero agradecer a Deus por toda proteção, por nunca me desamparar e por renovar minhas forças quando pensei que já não existiam mais. Sem a permissão d'Ele, nada disso teria sido possível. Meu muito obrigada, Deus, por tantas bençãos em minha vida.

Quero agradecer imensamente aos meus pais, Ana Lúcia e Severino, por todo incentivo e dedicação para que eu conseguisse realizar meus estudos. Vocês são exemplos de bondade, força e perseverança em minha vida. Lembro-me, minha mãe querida, de tantos momentos de preocupação, com as idas e vindas para a cidade, com os horários das refeições, com minhas longas noites estudando. Hoje essa conquista não é só minha, mas muito o reflexo de vocês.

Aos meus irmãos, Luan, Emilly e Jhon, por cada ato de bondade e generosidade. Meu irmão Luan, por todas as viagens até a faculdade, à Emilly e ao Jhon pela paciência, principalmente nessa reta final, com a minha pequena filha. Vocês, meus irmãos, são minha fortaleza, meu refúgio e agradeço por todo apoio.

Agradecer ao meu combustível, força incalculável, à minha amada filha, Hanna Lorena. Você é meu amor maior, e mesmo tão pequena, é minha fonte de inspiração. Obrigada por cada sorriso, abraço e olhar cheio de ternura que me deram forças nos momentos difíceis. Obrigada por cada: "Mamãe, deixa eu corrigir com você". Diante tantas tribulações, nós duas soubemos o momento certo de acelerar, e por você eu segui em frente com coragem e determinação. Espero que um dia você possa se orgulhar de mim, assim como eu já me orgulho de você. Este trabalho é por você e para você.

Ao meu companheiro, Edinaldo, por nunca ter soltado a minha mão, por todo apoio, incentivo e paciência. Por me fortalecer e me fazer acreditar no meu potencial. Sua presença foi essencial em cada etapa dessa jornada. Obrigada pelo ombro amigo em tantos momentos de aflição.

Aos meus colegas que contribuíram durante essa trajetória, vocês tornaram essa fase da minha vida mais leve e agradável. Quero agradecer em especial ao nosso “quarteto fantástico”: Alice, Luana e Welson. Dividir essa conquista com vocês é uma sensação de dever cumprido.

Claro que temos que ter um parágrafo único e exclusivamente dela, porque ela é especial. A minha grande e melhor amiga, a minha xará, onde uma está a outra a também, marca registrada de união, as Luanas. A você, Luana Mikaelly, minha amiga de alma, coração e fé, há mais de 15 anos. Sua amizade, desde o ensino fundamental, tem sido uma das maiores bençãos da minha vida. Você esteve ao meu lado em tantos momentos, dividindo risos, lágrimas, sonhos, lutas, muitas quentinhas e lanches também, sempre com o coração aberto e uma força que me inspirou a continuar. Hoje, além de amigas, você é madrinha da minha filha, um elo ainda mais forte que nos une e simboliza o quanto você é especial para mim e minha família. Este trabalho também é fruto da sua presença, do seu apoio e da certeza de que com você por perto, eu nunca estive sozinha. Que venham as próximas graduações. Juntas.

À minha professora orientadora, Noelma Cristina, agradeço profundamente por todo incentivo, apoio e pela grande condução segura ao longo deste trabalho. Obrigada, por aceitar retomar a orientação, mesmo após um período que fiquei afastada. Para mim, foi uma grande honra ter sido sua orientanda.

Agradeço aos professores, Jordão Joanes Dantas da Silva e Aymmée Silveira Santos, por gentilmente aceitarem compor a banca examinadora e dedicarem seu tempo para ler e contribuir com este trabalho. Tenho plena certeza de que suas observações enriquecerão significativamente esta pesquisa.

Aos funcionários da UEPB, pela atenção, prontidão e cordialidade com que sempre me atenderam ao longo dessa jornada. Em especial, a Conceição, minha gratidão (e minhas desculpas!) por todas as vezes que te aperreei com dúvidas, documentos, prazos e desespero. Obrigada por sempre me atender com paciência.

Enfim, a todos aqueles que contribuíram de forma diretamente ou indiretamente nessa longa jornada.

“Toda língua é um feixe de variedades”
(BAGNO, 2007, p. 47)

RESUMO

O presente trabalho tem o intuito de investigar a ocorrência do fenômeno da dupla negação na fala dos falantes monteirenses, sob a perspectiva variacionista. Para isso, foram analisados fatores extralinguísticos que influenciam nos dados da fala. O nosso estudo se desenvolveu com base no *corpus* disponibilizado pelo CoLingPB, considerando o recorte geográfico do município de Monteiro-PB. Para embasar nosso estudo nos princípios da variação linguística, foram utilizados autores como Labov (2008), Bagno (2007) e Bortoni-Ricardo (2004), entre outros. O objetivo geral foi analisar a influência de aspectos sociais que interferem na utilização da dupla negação na fala de moradores do município de Monteiro-PB. Como objetivos específicos destacam-se: I) Realizar um levantamento quantitativo das ocorrências do fenômeno da dupla negação nas entrevistas selecionadas e II) Comparar os dados obtidos a fim de identificar qual fator social exerce maior influência na ocorrência desse fenômeno linguístico. A metodologia adotada foi de natureza quantitativa, pois fizemos um levantamento dos casos da dupla negação nas falas dos informantes, e qualitativa, pois os dados foram interpretados qualitativamente. A partir da pesquisa de base documental, realizamos também uma pesquisa descritiva e explicativa. Nosso foco foi a análise de fatores sociais como moradia, sexo, faixa etária e nível de escolaridade, com o objetivo de verificar qual deles exercia maior influência no uso da dupla negação. Diante dos resultados alcançados, observamos que as ocorrências da dupla negação apresentam números muito próximos entre si, sugere-se que possivelmente esse fenômeno já se tornou uma característica linguística consolidada entre esses falantes. O fator que apresentou uma maior diferença foi o da área de moradia, o que indica que os moradores da zona rural utilizam a dupla negação com mais frequência do que os da zona urbana. Isso reforça os estudos abordados de que a localização geográfica influencia significativamente para esse fenômeno. Dessa forma, os resultados obtidos contribuem para a compreensão da variação linguística no que diz respeito à influência dos fatores sociais na fala.

Palavras-Chave: Variação linguística. Fatores sociais. Dupla negação

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo de investigar la ocurrencia del fenómeno de la doble negación en el habla de hablantes de Monteiro, por medio de una perspectiva variacionista. Para eso, fue analizado los factores extralingüísticos que influyen en los datos del habla. Nuestro estudio se desarrolló con base en el corpus proporcionado por CoLingPB, considerando el recorte geográfico del municipio de Monteiro-PB. Para fundamentar nuestro estudio en los principios de variación lingüística, se utilizaron autores como Labov (2008), Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2004), entre otros. El objetivo general fue analizar la influencia de los aspectos sociales que interfieren en el uso de la doble negación en el habla de los residentes del municipio de Monteiro-PB. Como objetivos específicos fui destacado I) Realizar un estudio cuantitativo sobre la ocurrencia del fenómeno de la doble negación en las entrevistas seleccionadas y II) Comparar los datos obtenidos para identificar qué factor social ejerce la mayor influencia en la ocurrencia de este fenómeno lingüístico. La metodología adoptada fue de naturaleza cuantitativa, pues fue hecho un levantamiento de casos de la dupla negación en las declaraciones de los informantes, y cualitativa, presente datos se interpretaron cualitativamente. Por medio de una investigación con base documental, realizamos una investigación descriptiva y explicativa donde nos centramos en el análisis de factores sociales como la vivienda, el género, la edad y el nivel educativo, con el objetivo de verificar cuáles de estos tenían mayor influencia en el uso de la doble negación. Delante de los resultados obtenidos, observamos que las ocurrencias de doble negación presentan un número muy próximo, lo que sugiere que este fenómeno posiblemente ya se haya consolidado como una característica lingüística entre estos hablantes. El factor que presentó la mayor diferencia fue la zona de residencia, lo que indica que los residentes de zonas rurales utilizan la doble negación con mayor frecuencia que los de zonas urbanas. Esto refuerza los estudios comentados que indican que la ubicación geográfica influye significativamente en este fenómeno. Por lo tanto, los resultados obtenidos contribuyen para la comprensión de la variación lingüística con respecto a la influencia de los factores sociales en el habla.

Palabras clave: Variación lingüística. Factores sociales. Doble negación.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 -	O contínuo de urbanização.....	33
Figura 2 -	O contínuo de oralidade-letramento.....	33
Figura 3 -	O contínuo de monitoramento estilística.....	34
Figura 4 -	Exemplo de código dos informantes.....	41

QUADROS

Quadro 1 -	Perfil dos informantes da zona rural.....	39
Quadro 2 -	Perfil dos informantes da zona urbana.....	39

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número de ocorrências da dupla negação nas falas dos informantes monteirenses.....	42
Tabela 2 - Representação do fator social moradia.....	43
Tabela 3 - Representação do fator social sexo.....	45
Tabela 4 - Cruzamento entre os fatores social e sexo.....	45
Tabela 5 - Representação do fator social faixa etária.....	47
Tabela 6 - Representação do fator social escolaridade.....	48

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 O PERCURSO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.....	16
2.1 William Labov e a Teoria da variação.....	19
2.1.1 A variação linguística.....	21
2.1.2 O conceito de variedade.....	23
2.1.3 Variável e variante.....	24
2.1.4 Tipos de variações.....	25
2.1.5 Níveis de variações.....	29
2.2 O Português brasileiro.....	32
2.2.1 A dupla negação sob um olhar da sociolinguística.....	35
3 METODOLOGIA.....	39
3.1 Conhecendo o corpus.....	39
3.2 Caracterização da pesquisa.....	42
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	44
4.1 Moradia.....	45
4.2 Sexo.....	47
4.3 Faixa Etária.....	49
4.4 Escolaridade.....	50
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	55

1 INTRODUÇÃO

A língua se renova constantemente, algumas palavras estão perdendo seu uso, outras ganhando novos significados e outras estão surgindo. Esses processos não interferem na compreensão comunicativa das pessoas, aliás eles surgem pela necessidade de renovação dos falantes. Por conta dessas renovações, a comunidade linguística busca adequar o seu modo de falar de acordo com o meio em que se insere; podemos dizer que vivemos em um mundo cheio de variações linguísticas. De acordo com Bagno (2013), a variação linguística tem essa relação com as diferentes formas de falar dentro de uma mesma comunidade de fala.

Com o surgimento da Sociolinguística, temos um olhar voltado para os fatores sociais que influenciam a interação, assim torna-se importante estudar os comportamentos linguísticos que ocorrem dentro da comunidade de fala e buscar analisar essas ocorrências dentro de um sistema heterogêneo, isso porque sabemos que a língua é variável e compõe um dos principais traços de identidade. Dentro da comunidade de fala utilizada por milhares de pessoas, a língua, por não ser estática, pode ter suas diversidades por vários fatores, tais como o espaço, o tempo, os aspectos culturais e sociais.

A noção de que existe apenas uma forma “correta” de falar desconsidera a riqueza e a complexidade da variação linguística, pois, como afirma Bagno (2001, p. 28), “a língua é um instrumento social, e como tal se realiza de modos diversos conforme os grupos que a utilizam”. Um dos fenômenos que explicam essa diversidade é a chamada dupla negação, muito presente na oralidade brasileira.

A dupla negação é uma estrutura linguística bastante comum no português, caracterizada pelo uso simultâneo de dois elementos negativos dentro de uma mesma oração. Geralmente, essa construção ocorre com pronomes e advérbios negativos, como por exemplo: “Não fiz nada de errado”; “Não disse nada a ninguém”; “Não vi ninguém por aqui”; “Não vi nenhum livro na estante”. Essa estrutura é típica do português padrão, mas temos observado que as pessoas usam, em situações mais informais, a dupla negação com a presença de um não enfático ao final da frase, por exemplo: “Eu não vi não”, muito comum na fala ou na escrita informal. É esse tipo específico de construção, marcado pela duplicação do “não” em contextos informais, que será o foco da análise deste trabalho.

Valorizando a diversidade linguística e levando em conta a língua dentro do seu contexto sócio-cultural, a Teoria da Variação busca realizar os estudos linguísticos baseada no fenômeno variável, descrevendo e compreendendo as variantes linguísticas que são utilizadas por falantes de uma mesma comunidade. Como observaram Mollica e Braga (2003, p. 10), “ela parte do pressuposto de que toda variação é motivada, isto é, controlada por fatores de maneira tal que a heterogeneidade se delinea sistemática e previsível”. Conforme as mudanças vão acontecendo na sociedade, a língua também vai passando por mudanças pela necessidade de comunicação, por isso a língua é uma representação da sociedade.

As pesquisas dentro do âmbito da variação linguística estudam a recorrente utilização de variantes no contexto sócio-comunicativo com o objetivo de entender e descrever os principais tipos e níveis de variações que acontecem durante esse processo. Tendo em vista essa diversidade dos modos de falar, Alkmim (2007) diz que variedade linguística é um termo utilizado para designar os variados modos de falar. E, ainda segundo o autor, quando em uma comunidade há diversas variedades linguísticas, passa a se criar um repertório verbal característico daquele local.

Após esse breve entendimento sobre a variação linguística como uma dinâmica social que molda o uso da língua em diferentes comunidades, nos deteremos a um fenômeno exemplar da variação sintática, que é a dupla negação. Com esta pesquisa, buscamos responder à seguinte questão: que fatores extralinguísticos, como moradia, sexo, faixa etária e escolaridade, mais influenciam o uso da dupla negação entre os falantes do município de Monteiro-PB?

A escolha por esse viés de estudo se deu pelo grande encantamento com as disciplinas voltadas para a sociolinguística durante a graduação, mas também pela grande relevância de compreender como os aspectos sociais influenciam o uso da linguagem, em especial o fenômeno da dupla negação na linguagem de falantes de Monteiro, cidade da qual sou moradora. A linguagem sendo esse reflexo das práticas sociais e culturais de uma comunidade, poder investigar essas variações contribui para o fortalecimento dos estudos sociolinguísticos e a diversidade linguística do Brasil.

Para realização desta pesquisa, utilizamos o *Corpus Linguístico da Paraíba - CoLingPB* (Stein, 2015), um projeto que constitui uma peça documental formada por arquivos em áudio e transcrições disponíveis em formato PDF. Para compor o

corpus, as entrevistas foram realizadas em 26 cidades da Paraíba em um período de 2011 a 2014. No nosso trabalho, fazemos um recorte desse *corpus* maior e analisamos as 12 entrevistas de falantes das zonas urbana e rural de Monteiro¹.

O objetivo principal desta pesquisa é analisar, do ponto de vista da Sociolinguística, a influência de aspectos sociais que interferem na utilização da dupla negação na língua oral de falantes do município de Monteiro-PB. Como objetivos específicos temos: I) Realizar um levantamento quantitativo das ocorrências do fenômeno da dupla negação nas entrevistas selecionadas e II) Comparar os dados obtidos a fim de identificar qual fator social exerce maior influência na ocorrência desse fenômeno linguístico.

Para contribuir na compreensão sobre a variação linguística, nos baseamos nos estudos de Alkmim (2007); Bagno (2007); Bortoni-Ricardo (2004); Labov (2008) e Calvet (2002). E, acerca do fenômeno da dupla negação, utilizamos estudos de Furtado da Cunha (2001), Nunes (2014) e Campos (2004).

O presente trabalho está dividido em cinco seções: a primeira seção é esta, na qual apresentamos nossas considerações iniciais; na segunda, o referencial teórico, que está dividido em subseções, sendo a primeira referente ao conceito, tipos e níveis de variações linguísticas dentro da Sociolinguística e a segunda sobre o português brasileiro e a dupla negação, mostrando dados teóricos e estudos sobre esse fenômeno. Posteriormente, na terceira seção, apresentamos os procedimentos metodológicos e, na quarta seção, temos a análise dos dados. Por fim, na quinta seção, apresentamos as considerações finais.

¹ O ColingPB está disponível para acesso no site:
<https://www.cchla.ufpb.br/colingpb/como-citar-o-coling-2/>

2 O PERCURSO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A variação é uma propriedade presente na língua, então não se pode tratar a respeito da língua como homogênea, já que ela é construída por regras variáveis. E este viés vem sendo alvo de inúmeras pesquisas buscando dentro da linhagem da sociolinguística conceituar e descrever a variação linguística.

Os gramáticos tradicionais viam a língua como um sistema fixo e imutável, sem abertura para transformações ou alterações estruturais. Essa concepção impedia o reconhecimento do conceito de variação linguística nas abordagens anteriores. Mas, dentro de uma mesma língua, existem diversos fatores que interferem no uso da Língua Portuguesa, como: grau de escolaridade, faixa etária, sexo e contexto socioeconômico. Assim, é possível ver enunciados comunicativos bem diferentes entre falantes adolescentes e idosos, por exemplo. É preciso entender que a variação ocorre de variadas formas e em todos os grupos. Como exposto por Bagno (1999, p. 16), “[...] também é preciso evitar a prática distorcida de apresentar a variação como se ela existisse apenas nos meios rurais ou menos escolarizados”, pois, sob a perspectiva sociolinguística, a noção de variedade linguística emerge como ferramenta fundamental para a compreensão das diferentes formas de uso da língua no interior das comunidades de fala, levando em conta os fatores sociais.

Sabendo que a língua passa, então, por processos de mudanças que acompanham a evolução humana, Faraco (2005) observa que Schleicher, com formação em botânica e influenciado pela teoria evolucionista de Darwin, formulou uma concepção de língua como um organismo vivo. Assim, para Schleicher, a história da língua seria uma “história natural”, comparável à de uma planta que passa por fases de nascimento, crescimento e falecimento. Assim como as plantas, as palavras também passam por ciclos: surgem, se desenvolvem e, em alguns casos, caem em desuso, sendo substituídas por outras ou desaparecendo com o tempo. Para sustentar esse processo de evolução dentro da linguagem, Mussalim e Bentes (2004, p. 22) nos dizem que:

Cada língua é o produto de um complexo de substâncias naturais no cérebro e no aparelho fonador. Estudar uma língua é, portanto, uma abordagem indireta a este complexo de matérias. Desta maneira, a

diversidade das línguas depende da diversidade dos cérebros e órgãos dos homens, de acordo com as suas raças. E a língua é associada à raça de maneira indissolúvel. Ela é o critério mais adequado para se proceder à classificação racial da humanidade.

Quando um indivíduo passa a fazer parte de uma comunidade de fala, compreendida como um espaço social, e interage com membros de outras comunidades, ele tende a adquirir novas representações linguísticas. Essas representações contribuem significativamente para a construção de novos significados. Como pontua Calvet (2002, p. 12), “as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes”. Desse modo, a língua é um objeto histórico-cultural que passa por diversos tipos de variações de acordo com o tempo e o espaço.

Para Bagno (2007, p. 37), o conceito de variação é considerado como natural e está associado diretamente às línguas. Variação é um fenômeno que se constrói através das variedades e várias regras que buscam padronizar a língua:

A variação e a mudança linguística é que são o “estado natural” das línguas, o seu jeito próprio de ser. [...] Assim, não são as variedades linguísticas que constituem “desvios” ou “distorções” de uma língua homogênea e estável. Ao contrário: a construção de uma norma-padrão, de um modelo idealizado de língua, é que representa um controle dos processos inerentes de variação e mudança [...].

Esse autor busca conceituar a variação como uma forma de *continuum* e tenta desmistificar a ideia de dicotomia, já que é preciso levar em conta a realidade da língua. De acordo ainda com Bagno (2007, p. 47), “[...] toda língua é um feixe de variedades. Cada variedade linguística tem suas características próprias, que servem para diferenciá-la das outras variedades”.

Dentro do eixo da variação, é muito comum que possa surgir a questão do preconceito linguístico, associando-se, de forma equivocada, a norma-padrão ao “correto” e as demais variedades como “errado”. Tendo em vista esse fato e sabendo que a variação é um princípio constitutivo da língua, os autores Bortoni-Ricardo (2004), Bagno (2007) e Antunes (2007) buscaram chamar a atenção de que não se faz a necessidade da classificação de certo e errado, não se pode considerar a norma-padrão como correta ou melhor e desconsiderar as diversas formas para a realização da interação verbal. Para Neves (2014), toda essa problemática reflete

um domínio social que promove o privilégio da norma-padrão em detrimento das demais formas linguísticas.

Como complemento à discussão sobre o conceito de variação, é bastante interessante citarmos o estudo de Suassuna (1995) que reuniu contribuições de diferentes autores com o intuito de aprofundar o entendimento desse fenômeno:

Encontramos em Couto (1986) a definição de língua portuguesa não como “bloco homogêneo, compacto”, mas em termos de um “complexo que abrange modalidades”. Cunha (1985) refere-se à existência de “várias normas” no Português, assinalando a assimetria que há entre elas no caso do Brasil, determinada por diversas razões históricas. Luft (1985) reconhece também o processo de diferenciação linguística e mostra que, em virtude disso, há uma variabilidade de regras. Outro autor que merece destaque é Camacho (1978), que desenvolve a ideia de interpenetração entre as variedades linguísticas. [...] Jakobson (s.d.) apesar de ter encarado o ato linguístico de um ponto de vista comunicacional e, por extensão, a língua como código, entrevia o fenômeno da diversidade linguística quando usava as expressões “subcódigo” e “subsistema”. Ele ainda foi capaz de considerar a relação entre os “subcódigos” - efeito da variação- e a unidade da língua. (p. 102-103)

Se analisarmos bem, vamos perceber que esses autores citados destacam o que Suassuna considera uma natureza dual da língua, ou seja, ela tem a variação como característica, ao mesmo tempo em que também apresenta regularidade. É preciso que a língua seja diversificada, mas sistematizada também, para que assim os falantes possam se entender. Se não houvesse uma regra sistemática e todos falassem de um modo diferente, isso causaria um grande conflito.

Considerando a existência da hierarquia dentro da língua, Gnerre (1985) aborda em seus estudos a separação entre, de um lado, indivíduos que fazem uso de uma linguagem padrão, portanto considerada de prestígio, e de outro lado aqueles indivíduos que não têm acesso a esse tipo de linguagem, sendo considerados estigmatizados. Para melhor compreendermos como aconteceu essa divisão ao longo da história, é de importância trazermos a seguinte consideração:

Devido ao processo histórico de constituição da norma-padrão clássica, as regras consideradas “certas” e “boas” são o resultado de um processo de seleção (e, portanto, de exclusão) ocorrido em determinado lugar, em determinada época, por parte de determinado grupo social. Assim, a norma-padrão - clássica do português, como sabemos, foi fixada em Portugal, a partir do século XVI, por parte da pequena *elite intelectual* (os “barões doutos”) que se inspirava nos critérios de correção e de bom-gosto da Antiguidade clássica greco-romana. Ora, transcorridos mais de quinhentos anos depois do início desse processo de normatização, é

impossível que aquele conjunto de normas do “bem falar” e do “bem escrever” corresponde de fato à realidade linguística contemporânea, seja brasileira, seja portuguesa. Afinal, não só a língua mudou: mudaram também as mentalidades, os gostos e as modas, as formas de organização da sociedade, [...]” (Bagno; Stubbs; Gagné, 2002. p. 63, grifos dos autores).

Diante do que foi posto, podemos destacar que, na atualidade, algumas palavras consideradas como padrão e corretas naquela época, hoje podem não ser mais utilizadas ou entendidas como equivocadas. Como os autores apontam, as mudanças ao longo do tempo não ocorreram apenas no aspecto linguístico, mas também no modo de pensar de cada falante.

Em cada situação comunicativa em que o falante está inserido, é possível utilizar recursos linguísticos diferentes, a fim de adequar sua linguagem com o contexto que está ocorrendo no momento. São essas diferentes experiências comunicativas que refletem na identidade do falante.

Para Alkmim (2007), não se pode dizer que existem línguas melhores ou piores, por que é preciso levar em conta a dimensão do país e, além disso, os diversos fatores que caracterizam os falantes, sejam eles: valores, hábitos, aspectos sociais e culturais, costumes, enfim tudo irá influenciar na língua, fazendo-se necessário o respeito a cada indivíduo que tem sua bagagem construída.

2.1 William Labov e a Teoria da variação

Sabemos que a língua está ligada à sociedade e isso é algo claro, sendo base da comunidade do ser humano, ela está totalmente ligada à nação do povo. Analisar a ciência da linguagem social, levando em conta as suas variantes coexistentes e suas diversas formas de uso, foi o grande marco dentro da sociolinguística. Para chegar a esta conclusão acerca da língua não foi nada fácil e rápido, passou-se por várias teorias defendidas e estudadas por diversos autores, mas foi com Labov (1964) que o termo da sociolinguística ganhou esse modelo que começou a levar em conta a descrição e a interpretação do fenômeno da língua inserido no contexto social. Então, vemos que, para o autor, o essencial é levar em conta as diversidades linguísticas como fatores sociais que implicam na compreensão da comunicação.

A Teoria Variacionista, proposta por Labov (1975), apresenta conceitos que diferem da linguística estruturalista, como podemos ver no apontamento de Salomão (2011):

Uma das grandes diferenças entre a sociolinguística variacionista e a linguística estruturalista é o objeto. Na primeira, o objeto é a fala, enquanto que na segunda, os fenômenos da fala atingem apenas a substância material das palavras, não seu significado, e, portanto, não se constituem como seu objeto de estudo. Outra diferença essencial é a compreensão da variação e das mudanças linguísticas, uma vez que para os variacionistas as mudanças advêm do comportamento social enquanto para os linguistas estruturalistas elas são internas ao sistema. (Salomão, 2011, p. 190)

Desse modo, indo contra as ideias defendidas nos estudos do estruturalismo, que se preocupa com a estrutura interna, Labov (apud Tarallo, 1994) defende que a língua é heterogênea e que, para estudá-la, é preciso levar em conta o contexto social e os fatores extralinguísticos. Para Labov, a língua é propriedade da comunidade e isso seria o eixo do estudo da sociolinguística, procurando as variações que ocorrem no contexto social de determinada comunidade.

A sociolinguística estuda variantes que têm explicações sistemáticas de formas diferentes para dizer a mesma coisa, por isso tão importante levar em conta os fatores sociais de determinada comunidade, como por exemplo as gírias, palavras que assumem significados diferentes da sua forma lexical, mas dentro da sua sociedade linguística é compreendida pelos falantes. Sabendo que existe a heterogeneidade dentro da língua, a sociolinguística se preocupa com os fatores internos e externos que ocorrem durante a comunicação e analisa os mesmos para que assim consiga caracterizar o modo de falar daquela comunidade linguística. Como aponta Salomão (2011, p. 191):

Nesse sentido, a análise sociolinguística enfoca fundamentalmente o processo de interação fala/sociedade, justificando-se pela necessidade de compreender os fatores que possam influenciar a operação de uma ou de outra variante, na busca de estabelecer uma sistematização ao processo de variação linguística.

Podemos perceber que desenvolver pesquisas dentro desta área não é algo tão simples, pois, para coletar os dados, principalmente por meio de entrevistas, o pesquisador precisa estar em um modo neutro durante todo momento, já que, como sabemos, a língua está em constantes mudanças. O momento de entrevista poderá

assustar o entrevistado fazendo com que ele modifique seu modo de falar e não agir com naturalidade na gravação, como exposto por Bagno (2007):

Todo e qualquer indivíduo varia sua maneira de falar, monitora mais ou menos o seu comportamento verbal, independente de seu grau de instrução, classe social, faixa etária, etc. Trata-se de um comportamento que é adquirido muito rapidamente no convívio social, como é fácil verificar observando os modos de falar das crianças quando se dirigem a outras crianças da mesma idade, a crianças maiores, a adultos familiares, a adultos desconhecidos (Bagno, 2007, p. 45)

Dentro dos estudos de Labov, a teoria sobre a língua quebra a perspectiva da homogeneidade da língua. Para Labov (2008, p. 21), “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre”. Para contribuir na teoria laboviana, o teórico Jakobson (2003) também vai partilhar da língua como heterogênea e juntos vão contra os estudos até então defendidos da língua como homogênea. É de suma importância trazermos um trecho de uma entrevista dada por Labov para a revista virtual *Revel*, em agosto de 2007, quando ele nos mostra sua visão da heterogeneidade que iria encontrar durante sua pesquisa, e ele nos revela que:

Quando eu comecei na linguística, eu tinha em mente uma mudança para um campo mais científico, baseado na maneira como as pessoas usavam a linguagem na vida cotidiana. Quando comecei a entrevistar pessoas e gravar suas falas, descobri que a fala cotidiana envolvia muita variação linguística, algo com que a teoria padrão não estava preparada para lidar (Labov, 2007, p. 1)

Considerando essa fala, percebemos o objetivo dos estudos labovianos em ver a linguagem como fator social, cheia de influências que caracterizam a comunicação de um grupo de falantes.

2.1.1 A variação linguística

A língua é intrinsecamente social, um trabalho coletivo, exercido pelos falantes tem característica variável e pode sofrer desconstrução e reconstrução a depender da necessidade dos falantes. A língua é um processo heterogêneo e, segundo Labov (2008, p. 218), “[...] o aspecto social só pode ser estudado pela

observação da língua em seu contexto social.” Com isso, podemos destacar o quanto a língua é fundamental para a construção da identidade cultural.

Quando tentamos conceituar a variação, é visível que muitos estudiosos falam sobre a influência de fatores variantes que agem sobre a língua. Esses fatores são determinantes, ou seja, realizam uma regularização na escolha de uma variante ou outra. Alguns fatores são origem geográfica, histórica, social, socioeconômica escolaridade, cultural, profissional, idade, sexo e muitos outros.

Com os estudos da Sociolinguística, entendemos que a língua é vista como viva, social, heterogênea que se modifica conforme é empregada na comunidade de fala, torna-se assim o objetivo de estudo da área a língua falada e os contextos sociais do falante. Sustentando esse apontamento, podemos utilizar Bortoni-Ricardo (2005, p. 20), que nos diz:

A Sociolinguística se ocupa principalmente das diversidades nos repertórios linguísticos das diferentes comunidades conferindo às funções sociais que a linguagem desempenha a mesma relevância que até então se atribuía tão somente aos aspectos formais da língua.

Por isso, torna-se tão importante analisar a língua e a comunidade para que assim possamos perceber que fatores sociais e externos compõem a interação entre os indivíduos. Essas características irão diferenciar os modos de falar de cada região, mas irão também frisar que independente do modo, elas têm uma lógica e regras que monitoram seu funcionamento.

A variação corresponde à existência de diferentes normas linguísticas que os indivíduos utilizam durante sua comunicação, assim estabelecem diferentes quadros representativos da fala. Tendo o objeto da sociolinguística a língua, observada, descrita em seu contexto levando em conta seu uso real, torna-se o ponto principal de análise a comunidade de fala, que é constituída por diversos indivíduos que se comunicam de maneiras diferentes, mas dentro de um conjunto de regras. Eles não necessariamente falam igual, mas constituem um nicho representativo que empregam os mesmos valores dentro da determinada comunidade de fala.

2.1.2 O conceito de variedade

É necessário entendermos um conceito que está dentro da sociolinguística que é o termo variedade. São as diferentes formas de falar utilizadas pelo conjunto de falantes de uma comunidade, com o objetivo de transmitir informação. Como afirma Bagno (2007, p. 48), “toda e qualquer variedade linguística é plenamente funcional”, então a variedade são recursos que o indivíduo utiliza na sua interação verbal e tem funcionalidade dentro da comunidade de fala. No campo da sociolinguística, é fundamental compreender que diferentes maneiras de falar refletem a diversidade linguística. Bagno (2007, p. 47) diz que “Uma variedade linguística é um dos muitos ‘modos de falar’ uma língua”. Desse modo, percebemos que cada indivíduo tem suas particularidades linguísticas que têm poder significativo dentro da comunidade de fala, essas particularidades caracterizam as várias formas de expressão que compõem a língua e assim cria-se um repertório verbal que caracteriza o modo comunicativo da determinada sociedade.

Não é o indivíduo isoladamente que cria as regras variáveis, a mudança ocorre se a comunidade linguística aceitá-las. Variedade é o macro, parte global que representa a comunidade da fala como um todo englobando todas as particularidades. Para compor esse macro da variedade, o autor Bagno (2007, p. 48) apresenta quatro tipos de variedades linguísticas, que são

- dialeto para designar o modo característico de uso da língua num determinado lugar, região, província etc;
- socioleto designa a variedade linguística própria de um grupo de falantes que compartilham as mesmas características socioculturais.
- cronoletto que designa a variedade própria de determinada faixa etária, de uma geração de falantes.
- idioleto que designa o modo de falar característico de um indivíduo, suas preferências vocabulares, seu modo próprio de pronunciar as palavras, de construir suas sentenças.

Essa classificação é essencial para os estudos sociolinguísticos, pois contribui para a compreensão sobre a multiplicidade do uso linguístico dentro de uma mesma língua.

2.1.3 Variável e variante

Assim, chegamos em outro conceito que é abordado dentro da sociolinguística que é o de variável, um elemento controlado por uma regra, “uma variável é concebida como dependente no sentido que o emprego de natureza social ou estrutural” (Mollica, 2003, p. 11). Uma variável é composta por variantes, essas são formas diferentes que os indivíduos utilizam para se referir à mesma coisa. Uma variável pode ter duas ou até mesmo mais variantes e essas podem permanecer ou mesmo desaparecer do sistema linguístico, isso será definido pela comunidade que escolherá entre a permanência ou não das variantes dentro do campo linguístico. Dentro do português brasileiro, podemos usar como exemplo as maneiras para se referir à 1ª pessoa do plural, utilizando os termos *nós* e *a gente* para uma mesma pessoa, então a referência à 1ª pessoa do plural é uma regra variável, que tem dois termos *nós* e *a gente* como variantes. Para fecharmos sobre esse ponto, Bagno (2007, p. 50) conclui que

Uma variável sociolinguística, portanto, é algum elemento da língua, alguma regra, que se realiza de maneiras diferentes, conforme a variedade linguística analisada. Cada uma das realizações possíveis de uma variável é chamada de variante. A definição mais simples de variantes é a de “cada uma das formas diferentes de se dizer a mesma coisa”.

Após essa explanação sobre os termos de variedade, variação, variante e variáveis, iremos abordar os tipos de variações que ocorrem dentro da sociolinguística para assim tentar explicar como os fatores linguísticos e extralinguísticos interferem e também representam o modo de falar dos indivíduos.

Sabendo que a sociedade se modifica através do tempo e por aspectos sociais, precisamos refletir fatores que ocorrem na mudança da língua. Então a língua e a sociedade são heterogêneas e por isso é possível que elas se modifiquem ao longo do tempo e essas mudanças ocorrem de acordo com as suas necessidades.

Nesse viés, Bagno (2007, p. 37) nos diz que:

[...] a variação e a *mudança linguística* é que são “estado natural” das línguas, o seu jeito próprio de ser. Se a língua é falada por seres humanos

que vivem em sociedades, se esses seres humanos e essas sociedades são sempre, em qualquer lugar e em qualquer época, *heterogêneos, diversificados, instáveis, sujeitos a conflitos e a transformações*, o estranho, o paradoxal, o impensável seria justamente que as línguas permanecessem estáveis e homogêneas.

De acordo com o que foi exposto pelo autor, podemos perceber que a língua portuguesa passou por um processo de evolução desde suas formas mais antigas até chegar às expressões atuais utilizadas pelos falantes. Por isso, a variação linguística não deve ser tratada como um problema, pois não há uma língua perfeita, correta e concreta, muitas manifestações ocorrem durante a linguagem.

2.1.4 Tipos de variações

Após o que já foi exposto, compreendemos a língua como um sistema heterogêneo, motivado por fatores sociais, por isso é fundamental considerar o contexto em que o falante está inserido. Nesta seção, fazemos uma explanação sobre os tipos de variações linguísticas, fatores resultantes exatamente da influência dos diferentes contextos sociais. Como aponta Camacho (2001, p. 50),

Como a linguagem é, em última análise, um fenômeno social, fica claro, para um sociolinguística, que é necessário recorrer às variações derivadas do contexto social para encontrar respostas para os problemas que emergem da variação inerente ao sistema linguístico.

Ao reconhecer a linguagem como produto das interações humanas, torna-se indispensável considerar os fatores sociais, culturais e históricos que influenciam sua variação e uso.

Para realizar a apresentação sobre os tipos de variações linguísticas tomamos como base os estudos do pioneiro da sociolinguística, o autor William Labov (1972). O estudioso distingue os tipos de variações em cinco que são: a variação regional ou geográfica (diatópica), a variação estilística (diafásica), a variação na fala e na escrita (diamésica), a variação histórica (diacrônica) e a variação social (diatrática). Dentro desses cinco tipos, nossa atenção volta-se, principalmente, para a variação diatópica, tendo em vista que consideraremos a variável moradia na análise, comparando as falas de informantes da zona rural e urbana, e a variação do tipo diatrática, por abranger os fatores sociais que são objeto de estudo da nossa pesquisa.

A *variação diatópica* está associada a fatores regionais e geográficos. Aqui podemos destacar as variedades de diferentes tipos de dialetos dentro de uma língua.

De acordo com Bagno (2007), “[...] é aquela que se verifica na comparação entre os modos de falar de lugares diferentes, como as grandes regiões, os estados, as zonas rural e urbana, as áreas socialmente demarcadas nas grandes cidades, etc” (p. 46). Quanto maior o espaço dividido entre os falantes, maiores serão as diferenças dos modos de falar dos indivíduos, com isso justifica-se o surgimento de vários dialetos dentro de um mesmo país. No contexto brasileiro, essa variação é bastante perceptível entre as diferentes regiões do país, uma vez que cada grupo de fala tem um traço característico. Para exemplificar um acontecimento representante desse tipo de variação podemos usar o exemplo do alimento *abóbora* como conhecido no sudeste e já no nordeste por influência indígena tem o nome de *jerimum*.

A *variação diafásica* está relacionada à forma estilística que o falante usa, revelando o seu próprio comportamento linguístico. De acordo com Bagno (2007, p. 47), é a variação que mostra “o uso diferenciado que cada indivíduo faz da língua de acordo com o grau de monitoramento que ele confere ao seu comportamento verbal”. Sendo assim, podemos apontar que os falantes muitas vezes mudam o modo de falar de maneira intencional ou não para cada situação de comunicação. Os estilos da fala podem ser formais para situações que exigem um maior grau de reflexão ou informais quando o falante não tem uma preocupação com o padrão da língua. Para Camacho (2004, p. 42),

As variedades estilísticas resultam da adequação da expressão às finalidades específicas do processo de interação verbal com base no grau de reflexão sobre as formas que constituem a competência comunicativa do sujeito falante. O grau de reflexão é proporcional ao grau de formalidade da situação interacional: quanto menos coloquiais as circunstâncias, tanto maior a preocupação formal.

Se levarmos em consideração todos os fatores que interferem na língua, podemos perceber que há uma escala de monitoramento do mínimo ao máximo, e isto não acontece apenas na fala, mas também na escrita. De acordo com Bagno (2007, p. 47), “não existe falante de estilo único”, pois durante sua comunicação ocorre interferência linguística onde o próprio falante faz um monitoramento da sua

fala. Então, em síntese, podemos perceber que este tipo de variação é ligado à adequação da fala ao contexto de comunicação.

A *variação diamésica*, o termo diamésica trata a linguagem conforme o meio, na sociolinguística o meio está referido à fala e à escrita. Para Bagno (2007, p. 46), “é a que se verifica na comparação entre língua falada e língua escrita. Na análise dessa variação é fundamental o conceito de gênero textual”. Sabemos que a fala é uma atividade espontânea que está sendo improvisada no momento e variando de acordo com o meio ao qual está inserida, já a escrita é uma atividade artificial e consequentemente menos variável, podendo ocorrer por planejamentos e reformulações de acordo com o meio para sua produção. Podemos perceber que o tipo de variação diamésica é um dos que mais tende a aumentar com o passar do tempo, a linguagem escrita conserva sua forma por mais tempo, mas a linguagem falada está em constante processo de mudanças.

A *variação diacrônica*, para Ilari e Basso (2009), é o tipo que acontece através do tempo, que pode ser detectada na comparação das gerações de fala. Desse modo, através desse tipo de variação, é possível compreender as mudanças históricas ocorridas na comunicação dos indivíduos. Para Bagno (2007, p. 47), “é a que se verifica na comparação entre diferentes etapas da história de uma língua”, é o resultado da passagem do tempo e, como sabemos, a língua passa por diversas modificações pela necessidade e também pela criatividade dos falantes quando fazem o uso de novas expressões no ato da comunicação. Muitas vezes, as variedades diacrônicas nos ajudam a compreender as mudanças da língua, através de formas usadas no passado que agora na atualidade já caíram em desuso, como a seguinte trajetória: *vomicê* - *vassuncê* - *você* - *cê*. Nesse sentido, Ilari e Basso (2009, p. 153) afirmam que “Não só a língua que falamos hoje é o resultado de muitas inovações ocorridas em épocas diferentes; na língua que falamos hoje convivem palavras e construções que remontam a épocas diferentes”. Essa constatação reforça a ideia de que a língua é um sistema dinâmico e em constante transformação, no qual elementos antigos e novos coexistem e interagem no uso cotidiano dos falantes.

A *variação diastrática* está diretamente ligada a fatores sociais. Sabemos que a língua tem diferentes marcas e os fatores sociais refletem bastante para esse acontecimento. Como pontua Bagno (2007, p. 46), “[...] é a que se verifica na

comparação entre os modos de falar das diferentes classes sociais”. Para melhor entendermos, veremos os principais fatores sociais que afetam a variação na fala, são eles: grau de escolaridade, nível socioeconômico, sexo/gênero e faixa etária.

O grau de escolaridade é um fator mais visível, pois está relacionado ao contato com a norma-padrão da língua, colocando aqueles falantes que tiveram acesso à escola como “melhores, privilegiados” e desconsiderando os não escolarizados; um exemplo desse fator são as expressões “a gente vamos” e “nós vai”.

O fator socioeconômico exerce um papel determinante da variação diastrática, influenciando diretamente nas escolhas linguísticas dos falantes. Os indivíduos das camadas economicamente mais favorecidas tendem a empregar formas linguísticas mais próximas da norma-padrão, enquanto os de classes menos favorecidas reproduzem variantes estigmatizadas.

O sexo é outro fator que exerce bastante influência neste tipo de variação, pois, historicamente, homens e mulheres assumem papéis distintos, refletindo no uso da linguagem. Labov (1972) observou em seus estudos clássicos em Nova York que as mulheres usam com mais frequência variantes prestigiadas. Dentro do contexto brasileiro, Bagno (2007, p. 44) nos diz que: “homens e mulheres fazem usos diferenciados dos recursos que a língua oferece”. O autor menciona que as mulheres, sobretudo em contextos formais tendem a usar formas mais próximas à norma-padrão.

A faixa etária é um dos fatores mais estudados dentro da sociolinguística no Brasil. Indivíduos de idades diferentes podem apresentar padrões linguísticos distintos, isso reflete as mudanças linguísticas que ocorrem em determinadas gerações. Os estudos sociolinguísticos indicam que a faixa etária dos jovens é a que mais utiliza formas inovadoras, como gírias, estrangeirismos e até mesmo estruturas sintáticas informais, já na faixa etária dos idosos mantém usos linguísticos mais conservadores. É fundamental compreender a relação entre a faixa etária e a linguagem para assim entender os processos de mudanças linguísticas.

Com os estudos sobre a variação diastrática, conseguimos compreender por que a dupla negação é um fenômeno mais frequente em determinados grupos sociais.

Podemos apontar que esses tipos de variações aqui explanados configuram a dimensão externa da língua; em seguida iremos abordar as dimensões internas.

2.1.5 Níveis de variações

Após a explanação anterior, na qual conceituamos sobre os tipos de variações, agora faz-se necessário falarmos um pouco sobre os níveis de variações linguísticas que compõem as dimensões internas, a língua apresentando diversas variações em função da vivência da comunidade linguística dos indivíduos. Os níveis linguísticos formam conjuntos representativos de expressões que caracterizam os falantes de cada região.

O *nível fonético-fonológico*: como já se pressupõem pelo nome é relacionado ao fonema. Para Calvet (2002) é nesse nível de variação que os sons da língua são mais evidentes e fáceis de analisar, pois os fonemas são as menores unidades sonoras que distinguem palavras e sendo assim não são dotados de muita significação. Podemos então dizer que ocorre quando, na pronúncia, o falante faz um acréscimo, um decréscimo ou mesmo uma substituição de um fonema, como exemplo podemos destacar a diversidade de pronúncias para um mesmo fonema. Como diz Bagno (2007, p. 39), “pense em quantas pronúncias você conhece para o R da palavra PORTA no português brasileiro”. Então percebemos que nesse nível existe apenas uma variação no som do fonema da palavra e não faz interferência na comunicação entre os falantes; são formas variáveis usadas para designar uma mesma palavra. Para fecharmos sobre esse nível, Beline (2014, p. 123) diz que: “Quando falamos em termos de variação fonética, na verdade, é comum termos mais de duas variantes numa mesma variável”.

O *nível morfológico*: nesse nível temos a utilização de sufixos diferentes para se referir a uma mesma função, como exemplo Bagno (2007, p. 40) apresenta as formas “PEGAJOSO e PEGUENTO” que expressam uma mesma ideia. Esse tipo de variação ocorre quando há uma alteração no morfema da palavra, que é a unidade mínima significativa, pode ser alterações como sufixos e prefixos. Dentro do português brasileiro, um dos principais exemplos está presente na alteração morfológica dos gerúndios, quando costuma-se ocorrer a substituição do *-ndo* para o *-no*, como em: *falano* (falando), *andano* (andando), *comeno* (comendo), nesses

casos tem-se uma redução do morfema geral -ndo para -no. Existem alguns casos bastante frequentes onde as variações morfológicas podem apresentar uma unidade fonológica. Para melhor entendermos vejamos os exemplos colocados por Coelho (2010, p.58): “(i) andá (por ‘andar’), vendê (por ‘vender’), parti (por ‘partir’); (ii) eles anda (por eles ‘andam’), eles vendi (por eles ‘vendem’, eles parti (por eles ‘partem’); (iii) tu anda (por tu ‘andas’), tu vende (por tu ‘vendes’), tu parte (por tu ‘partes’). Os exemplos apresentados acima caracterizam a variação morfológica, pois se analisarmos direito iremos ver que no exemplo (i) ocorre um apagamento do -r que serve designar a marca infinitiva do verbo, sendo assim nesse caso estamos diante de uma variação morfológica verbal; no exemplo (ii) temos um caso de alteração da concordância da desinência verbal e em (iii) vemos que ocorre uma alteração morfêmica, onde não é utilizado o morfema -s que representa a segunda pessoa do discurso. Diversos fatores extralinguísticos podem acontecer durante o processo morfológico, como o falante poder apagar o -r do infinitivo do verbo e não realizar a concordância verbal, por questões de se sentir em um meio informal ou também pelo seu nível de escolaridade.

O *nível semântico*: diferentemente do nível sintático, aqui se dá quando o significado da palavra se modifica em diferentes comunidades linguísticas. A variação está ligada à origem do indivíduo. Para melhor compreendermos, vejamos o exemplo posto por Bagno (2007, p. 40): a palavra VEXAME pode ter diferentes significados em determinadas regiões, podendo ganhar significado de PRESSA ou VERGONHA. Neste nível pode haver uma falha na comunicação a depender de quem está falando, para quem está falando.

O *nível lexical*: ocorre quando se utiliza diferentes termos para a mesma coisa. Para exemplificar esse tipo de variação, Coelho (2010, p. 52) diz que “[...] os lexicais são intimamente ligados a fatores extralinguísticos, de caráter cultural, sobretudo do etnográficos e históricos”. Então entendemos que nessa variação temos palavras diferentes para representar uma mesma realidade, Coelho (2010, p. 52) lista alguns exemplos de variação nível lexical: “*abóbora, jerimum / polenta, angu / bergamota, tangerina, laranja-cravo, mimosa / banheiro, toalete / mulher, dona, senhora / vaso, bacio, privada, casinha* e outros. Os falantes tendo conhecimentos dessas expressões não terão interferência no momento da comunicação.

O *nível estilístico-pragmático*: este nível de variação está associado ao grau de formalidade e proximidade dos falantes. As expressões escolhidas para serem utilizadas irão descrever o mesmo sentido, mas serão empregadas de acordo com a interação social, por exemplo: Por gentileza, senhores entregar-me os ofícios/ Pessoal, vamo me dando esses papéis.

O *nível sintático*: essa variação se dá na diferença estrutural da sentença, quando as palavras que formam as orações estão organizadas de modos diferentes, mas transmitem o mesmo sentido. De acordo com Bechara (2016, p. 25), “refere-se à organização das palavras em grupos e orações, estabelecendo relações que garantem a coesão e coerência do enunciado”. Como exemplo, temos a variação no uso dos pronomes relativos:

(1) ...essa aqui é a pessoa *em cuja* casa eu fiquei quando viajei para Europa...

(2) ...essa aqui é a pessoa *que* eu fiquei *na* casa quando viajei...

(3) ...essa aqui é a pessoa *que* eu fiquei *na* casa *dela* quando viajei...

(Beline, 2014, p.125)

Ao analisarmos essas sentenças vemos que ocorre uma mudança estrutural nas orações adjetivas, mas o sentido é preservado. Tarallo (1997) exemplifica esse nível de variação, mostrando o uso dos pronomes de terceira pessoa em função do objeto de verbo. Para isso, o autor faz a seguinte pergunta: “*Você conhece aquele homem?*” para a qual teria três maneiras diferentes como respostas a essa sentença como: Eu *o* *conheço*/ Eu *conheço* *ele*/ Eu *conheço*. Então para o autor na primeira resposta o *O* seria a maneira considerada padrão, enquanto as outras duas *ele* e a forma anáfora zero, seriam a forma não-padrão.

Também é exemplo de variação no nível sintático o uso da dupla negação, já que a estrutura padrão esperada é da combinação do “não” com pronomes ou outros advérbios negativos, por exemplo “Não gosto nada dessas coisas”, mas temos visto com frequência o uso do “não” enfático. Segue um exemplo retirado do nosso *corpus*: *Mas eu não, não gosto dessas coisas, não, sou muito chegada não, eu não vou, não* (brPB17_g2bF01- 412). Podemos perceber que o enunciado não perde sua coesão, mas a falante utiliza uma estrutura bastante intensificadora para reforçar a negação na oração, esse recurso aproxima-se mais de um contexto

informal da língua. Portanto, através da forma como é empregada a dupla negação pode revelar a diversidade do uso linguístico em diferentes contextos.

Um método que pode ser utilizado como ferramenta no auxílio de trabalhar as variedades linguísticas é primeiramente analisar o contexto social de onde essa comunidade está inserida, valorizando a diversidade linguística.

2.2 O Português brasileiro

A diversidade do português brasileiro reflete o multiculturalismo e a heterogeneidade social presentes no país. As variações linguísticas são compreendidas como formas legítimas de expressão, influenciadas por contextos sociais, históricos e regionais. As interferências na relação entre língua e falante podem sofrer variações de acordo com a vivência de cada indivíduo. Sabemos que, por exemplo, todos nós falamos uma mesma língua, mas existem diferentes formas de fazer isso. Como pontua Beline (2003, p. 121),

Em sentido bastante amplo, podemos de início pensar nas diferentes línguas que existem no mundo. Falamos português no Brasil. Praticamente em qualquer região de fronteira em que estejam em nosso país, sabemos que do outro lado falam outra língua - o espanhol. Sabemos também que dentro do nosso país ainda há indígenas que se comunicam, quando estão em suas aldeias, em suas línguas, e não em português.

Desse modo, vários fatores podem causar mudanças entre indivíduos de uma mesma comunidade. Bortoni-Ricardo (2004, p. 49) afirma que “[...] a variação linguística depende de fatores socioestruturais e fatores sociofuncionais”. Então, é necessário compreender que a linguagem passa por diversas formas de transformações.

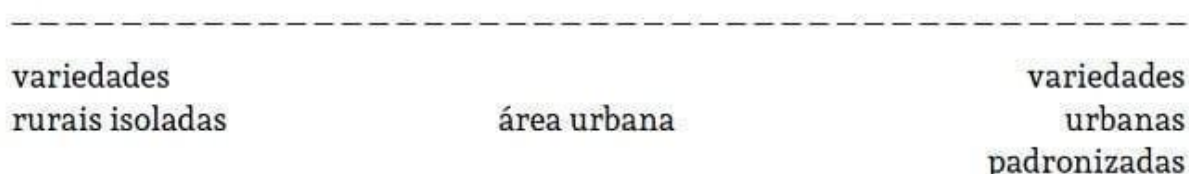
Bortoni-Ricardo (2004) propõe a análise do português brasileiro a partir de três *contínuos*, a saber: contínuo de urbanização, contínuo de oralidade-letramento e contínuo de monitoramento estilística.

Para compreender o *contínuo de urbanização*, é necessário pensarmos em uma linha constituída por dois pólos, que estão de acordo com aspectos geográficos dos falantes. No primeiro, temos as variedades rurais, que são encontradas em comunidades mais isoladas, com pouca influência da norma-padrão, caracterizando-se por traços próprios. Do lado oposto a esse, temos as variedades

urbanas, caracterizadas por comunidades mais letradas e institucionalizadas, influenciadas pela presença de instituições como escolas, indústrias, igrejas, que favorecem uma maior adesão aos padrões formais da língua. Entre esses dois eixos, temos as variedades rurbanas, usadas por pessoas que migraram da zona rural para a urbana, mas que ainda utilizam traços linguísticos e culturais característicos da origem rural.

Para analisar a distribuição desses modos de falar dentro dos eixos, Bortoni-Ricardo (2004) aborda a caracterização considerando os traços descontínuos e graduais. Os traços descontínuos se referem aos processos de mudanças associados à transição de um modo de falar para outro, como os jovens da zona rural que saem para estudar na zona urbana. Durante esse processo de reconversão linguística, é comum que os falantes busquem aprimorar suas formas de falar com as que são utilizadas dentro dessa nova comunidade de fala. Já os traços graduais, se referem às características linguísticas que não são necessariamente fixas, mas que mudam de maneira gradual entre as diferentes situações e contextos dos falantes. Dentro desse contexto, podemos pontuar as influências por fatores como gênero, escolaridade, idade e região. Para representar esse contínuo de urbanização, Bortoni-Ricardo (2004) faz a seguinte linha imaginária:

Figura 1: O contínuo de urbanização



Fonte: Bortoni-Ricardo (2004)

O contínuo de urbanização é fundamental para a nossa análise, uma vez que os dados que compõem o *corpus* foram coletados junto a informantes da zona rural e zona urbana.

Outro contínuo citado por Bortoni-Ricardo (2004) é o *contínuo oralidade-letramento*. Este busca analisar a comunicação conforme o evento em que a linguagem está inserida, seja ele escrito ou oral. O objetivo não é tratar esses modos como dicotomias excludentes, mas como práticas comunicativas que

transitam entre formas mais orais e mais letradas de linguagem. Para ilustrar esse contínuo, a autora apresenta a seguinte estrutura:

Figura 2: O contínuo de oralidade-letramento

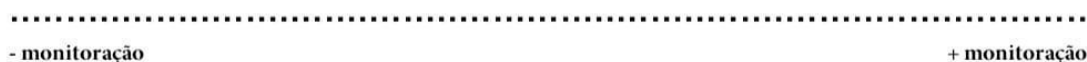


Fonte: Bortoni-Ricardo (2004)

Reconhecemos a importância desse contínuo para compreender que a comunicação linguística não se dá por pólos fixos do oral e escrito. Torna-se essencial essa abordagem, especialmente em estudos de variação linguística e sociolinguística, como é o caso de nossa pesquisa, pois assim conseguiremos reconhecer a variedade de práticas de linguagem nos contextos de fala dos informantes.

No último, o contínuo de monitoramento estilística, Bortoni-Ricardo (2004, p. 62) diz que: “[...] falantes alteram estilos monitorados, que exigem muita atenção e planejamento, e estilos não-monitorados, realizados com um mínimo de atenção à forma da língua”. Então, pressupõem que, quanto mais formal a situação, maior a tendência de monitoramento. De acordo com a autora, são apresentados três fatores que levam a monitorar o estilo a ser utilizado que são: o ambiente, onde em contextos informais, por exemplo, o falante tende a usar um estilo mais próximo do vernáculo; o interlocutor, em que a identidade e o nível de intimidade entre os falantes influenciam no estilo; e o tópico da conversa, que está relacionado ao objetivo, quando os falantes tendem a monitorar mais diante do objetivo de informar com precisão. Neste sentido, a autora faz a seguinte representação:

Figura 3: Contínuo de monitoramento estilística



Fonte: Bortoni-Ricardo (2004)

Podemos perceber que há uma grande relação entre esse contínuo com a nossa pesquisa, por se tratar de uma entrevista, ocorre um maior monitoramento na fala do entrevistador, que está mediando e conduzindo as perguntas. Já na fala dos informantes, não ocorre uma monitoração rígida, por se tratar de perguntas sobre a vida, as respostas são dadas com mais naturalidade.

2.2.1 A dupla negação sob um olhar da sociolinguística

A variação linguística é um reflexo dos fatores sociais que representam o uso da língua em diferentes comunidades de fala. De acordo com Labov (2008), tais variações não são aleatórias, mas sim sistemáticas e regidas por padrões sociais. Um exemplo desse fenômeno é a dupla negação, marcada pelo aparecimento de dois elementos negativos na mesma oração, como em: "Não vou hoje não". Essa construção, embora amplamente utilizada por falantes de diversas regiões do Brasil, costuma ser classificada como "inadequada" segundo os preceitos da norma-padrão. Porém, como destaca Bagno (2007), considerar tal estrutura como um erro revela um julgamento baseado em preconceitos linguísticos e não critérios científicos. Nesse sentido, Rodrigues (2009) afirma que a dupla negação não compromete a clareza da mensagem e cumpre função expressiva e comunicativa nos enunciados. Com os avanços nos estudos da sociolinguística, tornou-se possível observar que essa determinada utilização passou a ser compreendida de maneira mais ampla, evidenciando que seu uso está ligado a fatores sociais, como: idade, gênero, grau de escolaridade e também a área de moradia.

Desse modo, a dupla negação deve ser vista como parte do sistema linguístico, levando em conta as mudanças sociais, os níveis de escolarização e os aspectos culturais, como fenômenos influenciadores nas escolhas linguísticas dos falantes. Podemos entender que essa escolha é um fenômeno que reflete as práticas sociais de dentro da comunidade linguística.

Com os estudos de William Labov (2008) e a Teoria da variação, explicando que os fatores sociais e extralinguísticos influenciam nas formas linguísticas escolhidas pelos falantes, fica mais compreensível analisar a utilização da dupla negação

A dupla negação é um fenômeno estudado por vários autores. Furtado da Cunha (2001) realizou um trabalho no qual analisa três mecanismos de negação na perspectiva do funcionalismo, são eles: a negativa canônica pré-verbal, a negativa dupla e a negativa final pós-verbal, sendo a primeira considerada padrão/ formal.

A autora analisa a dupla negação a partir de uma concepção ampla de gramaticalização “como a organização de material gramatical, sobretudo morfossintático, que inclui as mudanças na ordenação dos constituintes da sentença” (Furtado da Cunha, 2001). A pesquisadora também chama a atenção para a frequência de uso das formas linguísticas e defende que a frequência de uso contribui na caracterização do processo de regularização linguística. Em outras palavras, quando uma determinada expressão linguística começa a ser utilizada, ela deixa de ser percebida como uma forma nova e passa a ser considerada uma expressão gramatical constituinte da comunidade de fala. Entendemos, com a gramaticalização, que a língua é dinâmica, incompleta e sujeita a transformações.

Segundo Campos (2004), a gramaticalização é um tipo de mudança linguística que acontece entre as unidades independentes e também dependentes. Esse processo faz com que itens lexicais possam adquirir novas funções na língua, que se distanciam da sua forma inicial. É importante salientar que essas mudanças acontecem de acordo com a necessidade linguística e social dos falantes. No caso de estudo, a dupla negação, sabemos que o “não” tem a função lexical objetiva de negação, mas em alguns casos a dupla negação, pode cumprir funções semânticas importantes, como reforçar a polaridade negativa do enunciado. De acordo com Perini (2006), a repetição do operador negativo não deve ser vista como erro, mas como uma estratégia linguística com função expressiva e comunicativa. Além disso, percebemos que a dupla negação tem se tornado muito frequente no português brasileiro e queremos entender os fatores que influenciam nesse uso.

Muitas vezes, a utilização da dupla negação está relacionada ao fator social da escolaridade. Em sua pesquisa, Furtado da Cunha (2001) identificou o seguinte resultado: um aumento na utilização da dupla negação e da negação pós-verbal conforme diminui o grau de escolaridade. Não é apenas essa autora que obtém esses dados, Goldnadel (2013) e Cavalcante (2007) também chegaram a esse mesmo resultado em suas pesquisas, onde informantes de menor grau tendem a utilizar a dupla negação.

Uma outra pesquisa importante a ser estudada é a de Nunes (2014), que apresenta dados para vários fatores sociais, e utilizaremos esses critérios para desenvolver a nossa análise. No texto “A negação do Português falado do Rio de Janeiro: um estudo baseado em *corpus*”, a autora Nunes (2014) analisa os três tipos de negação de acordo com as variáveis dependentes e as variáveis independentes, os fatores linguísticos: Sujeito (1º, 2º e 3º pessoa) e tempo verbal (presente, passado e futuro) e os fatores extralinguísticos, o gênero (masculino e feminino), a faixa etária (15 a 25 anos e 26 a 50 anos) e o nível de escolaridade dos falantes (5 a 8 anos e 9 a 11 anos). Para a nossa pesquisa, traremos os resultados em relação aos fatores extralinguísticos que são foco de análise da nossa pesquisa, a fim de compararmos se os dados corroboram com os nossos.

A respeito dos fatores extralinguísticos, a pesquisadora obteve os seguintes resultados: no fator gênero masculino houve negativas pré-verbais com 69,3%, negativas duplas com 28,6% e pós-verbais com 2,1%; no gênero feminino os resultados foram de negativas pré-verbais com 76,2%, negativas duplas com 22,7% e pós-verbais com 1,1%. Desse modo, a autora conclui que as mulheres apresentam maior adesão à forma negativa canônica, ou seja, aquela que segue a norma-padrão da língua. Essa tendência confirma o que já foi apontado por Labov (2006), segundo o qual as mulheres geralmente demonstram maior vigilância linguística e preferem estruturas mais prestigiadas socialmente. No fator faixa etária, os dados mostram que entre 15 a 25 anos, as negativas pré-verbais chegaram a 66,4%, as negativas duplas a 32,8% e as negativas pós-verbais a 0,8%, entre 26 a 50 anos, as negativas pré-verbais foram de 77,9%, as negativas duplas de 20% e as negativas pós-verbais de 2,1%, então percebemos que os jovens utilizam menos a forma pós-verbal. No fator grau de escolaridade, no período de 5 a 8 anos temos negativas pré-verbais com 69,6%, negativas duplas com 28,2% e pós-verbais com 2,2%, já no período de 9 a 11 anos temos negativas pré-verbais com 77,2%, negativas duplas com 22% e pós-verbais com 0,8%. Segundo Nunes (2014), a variante pré-verbal é a forma mais utilizada.

É de suma importância trazermos esses estudos para percebermos como as diferentes formas da utilização da dupla negação ocorre em diferentes comunidades de fala. Após essa descrição de alguns trabalhos linguísticos sobre a utilização de

negação, passaremos para a nossa análise, buscando verificar se esses mesmos resultados estarão presentes em nosso *corpus*.

3 METODOLOGIA

Para melhor compreendermos os procedimentos metodológicos, dividiremos esta seção em duas: na primeira, apresentaremos o *corpus* que está em análise e, na segunda, faremos uma explanação sobre a caracterização da nossa pesquisa.

3.1 Conhecendo o *corpus*

O CoLingPB foi um projeto financiado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) e pela Secretaria de Educação Superior (SESu), que teve início no ano de 2011 e foi concluído no ano de 2015. A pesquisa foi realizada por um grupo de estudantes da graduação, coordenada pelo professor Cirineu Cecote Stein, do Departamento de Língua Portuguesa e Linguística do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O seu objetivo foi documentar a fala das comunidades paraibanas.

Para construir esse *corpus*, foram realizadas entrevistas em vinte e seis municípios da Paraíba, com informantes escolhidos a partir dos critérios de base sociolinguística variacionista. Foi estabelecido um critério específico para escolha dos informantes, dentre os quais: ter nascido na localidade em que vive; não ter se ausentado da sua localidade por um período maior que 5 anos; não ter problemas na dicção e ter pais também nascidos na mesma área residencial.

Em cada um dos municípios, foram entrevistados pelo menos seis informantes da zona rural e seis da zona urbana. Em relação à faixa etária destinada, foram escolhidos para cada grupo de informantes: dois adolescentes (de 14 a 17 anos), dois adultos (de 25 a 45 anos) e dois idosos (acima de 60 anos), sempre um masculino e um feminino. Não foi estabelecido um critério para o grau de escolaridade.

Para realização das entrevistas, foi utilizada uma filmadora Panasonic AG-HMC70, de alta definição, montada em um tripé. Acoplado a ela, um microfone ultacardioide, Yoga HT-81. O áudio, originalmente capturado em um canal (mono), foi extraído, reduzindo-se a frequência de amostragem de 44.100Hz para 22.050Hz.

Sabendo que vinte e seis municípios constituem o *corpus*, para a nossa análise nos deteremos apenas o município de Monteiro. O *corpus* é formado por 12

informantes, sendo seis da zona rural e seis da zona urbana. Abaixo veremos os quadros 1 e 2 apresentando características dos seus perfis.

Quadro 1: Perfil dos informantes da zona rural

DADOS PESSOAIS DOS INFORMANTES DE MONTEIRO - ZONA RURAL						
Localidade	Sítio Santa Catarina	Sítio Santa Catarina	Sítio Macapá	Sítio Santa Catarina	Sítio Santa Catarina	Sítio Santa catarina
Código do informante	brPB17_g1bF01	brPB17_g1bM01	brPB17_g2bF01	brPB17_g2bM01	brPB17_g3bF01	brPB17_g3bM01
Grupo etário	1	1	2	2	3	3
Nascimento	1997	1997	1979	1974	1943	1939
Escolaridade	2ºano do ensino médio	2ºano do ensino médio	Fundamental I	Fundamental I	4ºano do ensino fundamental I	4ºano do ensino fundamental

Fonte: Elaboração própria

Quadro 2: Perfil dos informantes zona urbana

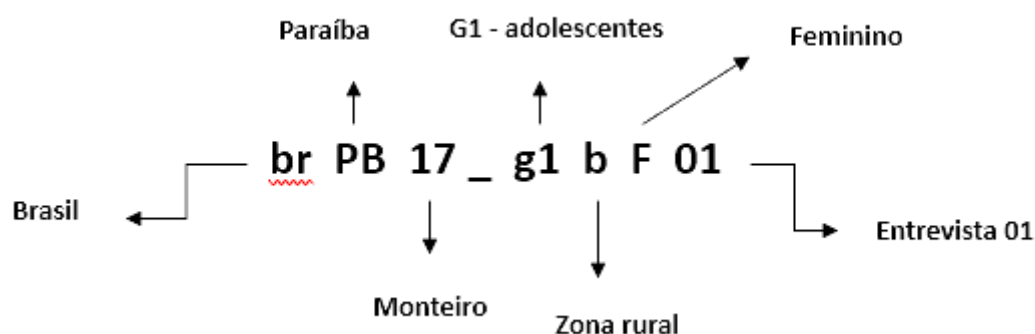
DADOS PESSOAIS DOS INFORMANTES DE MONTEIRO - ZONA URBANA						
Localidade	Sede municipal	Sede municipal	Sede municipal	Sede municipal	Sede municipal	Sede municipal
Código do informante	brPB17_g1aF01	brPB17_g1aM01	brPB17_g2aF01	brPB17_g2aM01	brPB17_g3aF01	brPB_g3aM01
Grupo etário	1	1	2	2	3	3
Nascimento	1996	1996	1972	1977	1948	1948
Escolaridade	Ensino médio completo	Ensino médio completo	Ensino médio completo	Ensino médio completo	6ºano do ensino fundamental	Ensino médio completo

Fonte: Elaboração própria

Para melhor compreendermos os perfis dos participantes, torna-se necessária a explicação sobre o código utilizado para cada um deles. De início, entenderemos a codificação do ponto de inquérito que é formado por *br* indicando que o informante é do Brasil, em seguida temos *PB* indicado que o local é Paraíba, e o número que identifica o município no qual é realizada a entrevista, como no nosso

caso em análise 17, que é referente ao município de Monteiro. Então, formula-se a codificação do ponto de inquérito da seguinte forma: **brPB17**. Continuando com a codificação, partimos para o código do informante que aparece logo em seguida, formado pela letra *g* que se refere ao grupo, seguido de um número que designa a faixa etária do informante, *g1* - adolescente (14-17 anos); *g2* - adulto (25-45 anos); *g3* - idoso (60+ anos). Após a combinação de letra *g* e o número, temos a presença das letras *a* (*minúscula*) - para informantes da zona urbana e *b* (*minúscula*) - para os da zona rural. O próximo fator do código é sobre o gênero, com a presença da letra *M* para informantes masculinos e *F* para informantes femininas. Por fim, no código aparece o número do informante que será apresentado de acordo com a quantidade de entrevistados para cada grupo, no caso da cidade de Monteiro o número de informantes sempre será 01 pois foi entrevistado apenas um indivíduo de cada gênero e faixa etária. Como exemplo, veremos o seguinte código: **brPB17_g1bF01**.

Figura 4 : Exemplo de código dos informantes



Fonte: Elaboração própria

Como é possível ver, esse código refere-se a um informante do Brasil - *br*, pertencente ao Estado da Paraíba - *PB*, precisamente do município de Monteiro - *17*; compõe o grupo etário de adolescentes - *g1*, reside na zona rural - letra *b*, é do gênero feminino - *F* e foi a entrevistada número 01 de informantes desse gênero e dessa faixa-etária.

3.2 Caracterização da pesquisa

Nesta subseção, temos como objetivo explicar os aspectos metodológicos que foram utilizados para a caracterização da pesquisa e, em seguida, abordaremos os critérios utilizados para coleta de dados.

Para Chizzotti (1995), a pesquisa é uma maneira de descobrir, conhecer e analisar o saber da vida humana através da história, por isso é fundamental seu desenvolvimento para contribuir com a dimensão social e também com o meio acadêmico. Chizzotti (1995, p. 11) diz que: "a pesquisa investiga o mundo em que o homem vive e o próprio homem", ou seja, é uma construção de conhecimentos que une o saber existente e a compreensão da realidade. Como pontua Gil (2002, p. 17), "pode-se definir como procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos". Então, os métodos são realizados de acordo com a necessidade da pesquisa, fazendo delimitação para chegarmos ao nosso objetivo principal.

A presente pesquisa, primeiramente, apresenta-se na natureza quantitativa, já que, na coleta dos dados quantificamos a frequência de uso da dupla negação nas falas de informantes da zona rural e urbana da cidade de Monteiro. Após esse levantamento, nossa pesquisa adquire caráter qualitativo, pois nos detemos na compreensão de aspectos subjetivos. Segundo Chizzotti (1995, p. 28), "A pesquisa qualitativa recobre um campo transdisciplinar, envolvendo as ciências humanas e sociais", então percebemos que ocorre essa preocupação com a compreensão e interpretação dos fenômenos que estão em análise, buscando levar em conta o seu significado nas práticas de uso. Por esse motivo, Clareto (2004, p. 1) nos diz que a pesquisa qualitativa é interpretativa e

[...] encontra apoio na noção de conhecimento como atividade humana comprometida, ou seja, o conhecimento não é neutro, não se distingue em uma esfera totalmente isolada do universo humano: ela está impregnada de emoções, paixões, ódios, preconceitos, vontades, crenças... O conhecimento não é uma busca de adequações de verdades a realidades, mas uma interpretação.

O procedimento de coleta de dados da nossa pesquisa tem um caráter do tipo documental. De acordo com Marconi e Lakatos (2003, p. 174), "a pesquisa

documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias”. Sendo assim, nos concentramos nos dados para analisar e interpretar as informações contidas no documento – as transcrições de fala do Coling - PB, a fim de suprir com a nossa investigação.

Ainda podemos dizer que a pesquisa apresenta um método descritivo e explicativo, pois iremos descrever os fenômenos relacionados ao uso da dupla negação presentes nos dados coletados. Além de identificar e quantificar essas ocorrências, levando em conta fatores como moradia, sexo, faixa etária e grau de escolaridade dos informantes. Dessa forma, pretendemos construir uma compreensão mais ampla sobre os motivos que levam os falantes a utilizarem esses fenômenos e também as implicações desse uso dentro da comunidade linguística.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste trabalho, procuramos analisar a dupla negação por um viés sociolinguístico, portanto levando em conta seus fatores sociais. No *corpus* investigado, encontramos o total de 124 construções com dupla negação. Para compreendermos os dados e respondermos aos nossos questionamentos iniciais, faremos uma análise minuciosa sobre cada fator extralinguístico.

A Tabela 01, abaixo, traz um panorama dos dados distribuídos de acordo com as variáveis sociais consideradas na pesquisa. Vejamos:

Tabela 01: Número de ocorrências da dupla negação nas falas dos informantes monteirenses

Faixa Etária	14-17		25-45		60+		TOTAL	%
Sexo	F	M	F	M	F	M		
Zona Rural	08	13	17	18	12	07	75	60,5%
Zona Urbana	05	10	11	04	10	09	49	39,5%
TOTAL	13	23	28	22	22	16	124	100%

Fonte: Elaboração Própria

A Tabela 01 apresenta a distribuição do número de ocorrências da dupla negação nas falas de informantes monteirenses, considerando quatro variáveis sociais: local de moradia (zona rural e zona urbana); sexo (feminino e masculino); faixa etária (14 a 17 anos, 25 a 45 anos e acima de 60 anos) e escolaridade² (ensino fundamental e ensino médio).

De modo geral, observa-se que a maior parte das ocorrências foi registrada entre os falantes da zona rural, totalizando 75 casos (60,5%), enquanto entre os falantes da zona urbana houve 49 ocorrências (39,5%), o que já indica que há uma tendência mais frequente da dupla negação entre os moradores da zona rural.

Essa tabela oferece um panorama inicial da distribuição dos dados de acordo com as variáveis sociais. Para aprofundar nossa análise, realizaremos um cruzamento entre os dados obtidos e as teorias discutidas ao longo deste trabalho, com o objetivo de responder aos questionamentos inicialmente propostos.

² Os dados referentes à variável da escolaridade serão abordados na seção específica, uma vez que não foi possível incluí-los nesta tabela devido à distribuição desequilibrada e nos dados dos informantes.

4.1 Moradia

É reconhecida pela sociolinguística a influência do espaço geográfico sobre a variação linguística. Segundo Faraco (2008), a dupla negação era comum em textos do período medieval e reflete um padrão que remonta ao latim vulgar. Para começarmos a analisar esse fator, é importante ressaltar o que os teóricos e as pesquisas aqui citadas apontam para assim cruzarmos com os nossos resultados. Falando de área de moradia, primeiramente, voltamos aos estudos de Bortoni-Ricardo (2004, p. 48), segundo a qual “A variação linguística se ancora em fatores sociais, como localização urbana ou rural dos falantes, refletindo padrões distintos de uso e conservação de estruturas linguísticas”. Esse é o objeto de estudo no contínuo de urbanização. Para aproximar a teoria com os nossos resultados, fizemos uma representação dos dados encontrados na seguinte tabela:

Tabela 02: Representação do fator social moradia

Área de moradia	Total	Frequência (%)
ZONA RURAL	75	60,5%
ZONA URBANA	49	39,5%
Total	124	100%

Fonte: Elaboração Própria

Analisando a Tabela 02, podemos verificar a ocorrência de mais de 60% na fala de informantes da zona rural, enquanto os da zona urbana chegam a quase 40%. Essa diferença pode ser explicada pela maior preservação dos traços da oralidade popular nas áreas rurais, como pontuou Bortoni-Ricardo (2004), que são áreas mais isoladas tidas como áreas mais conservadoras. Esse fator apresenta um número alto referente às ocorrências, deixando bem evidente que é um dos que mais influencia na utilização da dupla negação na linguagem dos falantes. Vejamos alguns exemplos:

- (1) **Não**, mas, o arroz branco aqui **não** precisa de tempero **não**, nós **não** usa tempero **não**. (brPB17_g1bF01)
- (2) Aquilo era uma atração que a gente nunca **não**, esse tempo todo a gente **não** sabia, **não**, o que é isso. (brPB17_g2bF01)
- (3) Ahn, na, eu, ah, vi aquilo ali, mas eu **não**, **não** achava que era coisa do outro mundo, **não**, porque eu sabia que existe, já ouvia falar, mas **não** tinha visto, mas **não** foi... (brPB17_g2bF01)
- (4) Mas eu **não**, **não** gosto dessas coisa, **não**, sou muito chegada **não**, eu **não** vou, **não**. (brPB17_g2bF01)
- (5) **não** sei muito, **não**, dessas coisa, **não** (brPB17_g1bM01)

Nesses exemplos, é possível perceber que, além da estrutura da dupla negação, há o aparecimento de vários “nãos” em uma mesma oração. Percebemos que essa ocorrência é bem recorrente nas falas dos informantes da zona rural, buscando dar ênfase ainda maior à negação.

Da mesma forma, também veremos trechos das falas dos informantes da zona urbana, que apresentam a utilização da dupla negação, mas com menor ênfase comparada com os informantes da zona rural. Vejamos alguns exemplos:

- (6) ...**não** dá certo, **não**. (brPB17_g1aM01)
- (7) ...**não** tem muita diferença da zona urbana, aqui no nosso município **não**. (brPB17_g2aF01)
- (8) Aí você vem embora logo, você **não** aguenta, **não**. (brPB17_g2aM01)
- (9) ...que o preconceito dela eu acho que é contra quem é pobre, velho, **não** é contra questão de cor, **não**. (brPB17_g2aM01)

Ao analisarmos os dados coletados, é possível perceber que, embora tanto os informantes da zona rural quanto os da zona urbana façam uso da dupla negação, há uma diferença na forma como essa estrutura é empregada. Os falantes da zona rural tendem a utilizar a dupla negação com maior frequência e intensidade, como um recurso expressivo para reforçar a negação na fala. Já entre os falantes da zona urbana, embora essa estrutura também apareça, sua ocorrência tem menor carga enfática, sugerindo uma maior aproximação com os padrões da norma-padrão. Essa distinção reforça a influência do contexto sociolinguístico nas práticas comunicativas de diferentes grupos.

4.2 Sexo

As pesquisas sociolinguísticas frequentemente buscam fazer uma associação das escolhas linguísticas dos falantes de acordo com a variável sexo. De acordo com o que já foi apresentado ao longo do trabalho, podemos retomar que, para autores como Labov (2008) e Bagno (2007), as mulheres tendem a ser mais conservadoras em relação às escolhas lexicais. Isto porque o papel social exercido na sociedade pelas mulheres faz com que elas busquem usar essas formas linguísticas mais próximas da norma-padrão, possivelmente devido a pressões sociais para serem vistas como mais educadas ou refinadas, por isso essa tendência a serem mais conservadoras.

Ao compararmos os dados acerca do fenômeno da dupla negação na fala de informantes femininos e masculinos temos os seguintes resultados:

Tabela 03: Representação do fator social sexo

Sexo	Total	Frequência (%)
FEMININO	63	51%
MASCULINO	61	49%
Total	124	100%

Fonte: Elaboração Própria

De acordo com os estudos sociolinguísticos de Labov (2008) e Bagno (2007), conforme mostra a Tabela 03, vemos que a dupla negação ocorreu em 61 falas dos informantes de gênero masculino, que somam 49% das ocorrências, enquanto nas falas das mulheres há 63 falas, ou seja, 51% das ocorrências.

É defendido pelos estudos sociolinguísticos que as mulheres realizam mais a variante de prestígio em sua comunicação; os resultados encontrados nas pesquisas de Furtado da Cunha (2001) e Nunes (2014) atestam essa afirmação. Olhando para os nossos resultados vemos que existe uma utilização bastante equilibrada entre os homens e as mulheres, em que podemos dizer que o fator social sexo não exerce uma influência determinante isolada no uso da dupla negação entre os falantes monteirenses. O valor aproximado também revela uma

relativa estabilidade na distribuição da dupla negação entre o fator social sexo, deixando a necessidade de buscar considerar outros fatores sociais como influenciadores para esse fenômeno.

Entretanto, Lucchesi (2004) pontua a importância de considerar o perfil masculino e feminino dentro do contexto social, por isso fizemos um cruzamento entre sexo e a origem geográfica, e com isso tivemos a Tabela 04 que esquematiza essa representação:

Tabela 04: Cruzamento entre os fatores sexo e moradia

Tipo de moradia	Masculino		Feminino		Total	
Zona rural	38	51%	37	49%	75	100%
Zona urbana	23	47%	26	53%	49	100%

Fonte: Elaboração própria

Bortoni-Ricardo (2004) enfatiza a importância dos fatores contextuais e socioculturais nas escolhas linguísticas. Como pode ser observado na Tabela acima, os homens da zona rural são responsáveis por 38 falas (51%) e as mulheres por 37 (49%), em um total de 75 casos. Já na zona urbana, dos 49 casos analisados, as mulheres foram responsáveis por 26 ocorrências (53%), enquanto os homens por 23 (47%). Esses dados indicam que as mulheres da zona urbana utilizam com frequência ligeiramente superior a construção de dupla negação, proporcionalmente ao número de ocorrência por informantes na área. No caso do contexto rural, os homens utilizam uma frequência levemente maior no uso da dupla negação. De forma geral, os dados revelam uma distribuição praticamente equilibrada, com uma leve predominância masculina na zona rural e feminina na zona urbana. Ainda assim, essa proximidade nos resultados pode indicar que, no contexto rural, as mulheres apresentam um comportamento linguístico que se afasta sutilmente do padrão tradicional.

No tocante às falas dos homens, observamos uma ênfase ainda maior na negação. Vejamos alguns exemplos:

(10) ...os homem não passa **nada**, não. (brPB17_g1bM01 432)

- (11) **Nada** não, precisa não. (brPB17_g2bM01)
- (12) Chegava na escola, estudava, não tinha merenda, não tinha **nada**, não, **nada**, **nada**, **nada**, **nada**. (brPB17_g3bM01)
- (13) ...e tudo mais, mas que eu vejo não mudou **nada**, não. (brPB17_g1aM01)

Com esses exemplos, é possível observar uma característica marcante na fala de informantes masculinos. Além da dupla negação, com o objetivo de intensificar ainda mais a negação, os falantes do sexo masculinos recorreram com frequência à utilização do pronome *nada*, reforçando o teor negativo da enunciação.

4.3 Faixa Etária

O processo de variação linguística pode ser analisado através do fator da faixa etária, permitindo a observação de diferentes estágios de evolução ao longo do tempo. Para Bagno (2007, p.43), “os adolescentes não falam do mesmo modo como seus pais, nem estes pais falam do mesmo modo como as pessoas das gerações anteriores”. Por isso, de acordo com os estudos sociolinguísticos, o grupo de falantes mais idosos apresenta uma tendência em manter as formas tradicionais, resultado também comprovado na pesquisa de Furtado da Cunha (2001). Para compreendermos nossos dados, analisaremos a Tabela abaixo:

Tabela 05: Representação do fator social faixa etária

Faixa etária	Feminina zona rural	Masculino zona rural	Feminina zona urbana	Masculino zona urbana	Frequência
14-17 anos	8	13	5	10	36 (29%)
25-45 anos	17	18	11	4	50 (40%)
+60	12	7	10	9	38 (31%)
Total	37	38	26	23	124 (100%)

Fonte: Elaboração própria

Conforme a Tabela 05, podemos perceber que o grupo da faixa etária dos adultos (25-45 anos) é o que apresenta maior frequência na utilização da dupla negação, com 50 casos, equivalente a 40% das ocorrências. Nesse caso, foi possível perceber que os adultos, os quais provavelmente estão mais expostos aos

diferentes contextos linguísticos, fazem um uso bem expressivo da dupla negação. Ao cruzarmos os dados por faixa etária, gênero e localização, percebemos nuances significativas. Os adolescentes da zona rural, especialmente os do sexo masculino, destacam-se pelo uso da dupla negação, o que pode estar associado a uma menor interferência da norma culta em seu cotidiano. Já entre os adultos, há um uso mais intenso na zona rural, com equilíbrio entre os gêneros, refletindo uma possível preservação de práticas linguísticas locais. Nos idosos, o uso se distribui de maneira mais uniforme entre as zonas rural e urbana, com uma leve predominância feminina, reforçando a ideia de que os falantes mais velhos tendem a conservar estruturas tradicionais, conforme apontado por Furtado da Cunha (2001). Essa análise evidencia como fatores sociais se entrelaçam no uso da linguagem, revelando a complexidade do fenômeno da variação linguística.

Ao observar os dados da tabela, verifica-se que o grupo da faixa etária dos adultos é o que apresenta maior frequência na utilização da dupla negação com 50 casos, equivalente a 40% das ocorrências. Nesse caso, foi possível perceber que os adultos, os quais provavelmente estão mais expostos aos diferentes contextos linguísticos, fazem um uso bem expressivo da dupla negação.

4.4 Escolaridade

O fator extralinguístico escolaridade, normalmente, é o decisivo para casos de análise da variação, sendo o que apresenta maior significância. Como pontua Bagno (2007, p. 44), “As pesquisas linguísticas empreendidas no Brasil têm mostrado que o fator social de maior impacto sobre a variação linguística é o grau de escolarização”.

Para esse fator os estudos sociolinguísticos defendem que a ocorrência da dupla negação ocorre em falas de informantes com menor grau de escolaridade. Primeiramente, temos que pontuar que o fator de escolaridade dentro da nossa pesquisa apresenta uma problemática referente aos dados dos informantes, pois como são 12 ao total, não temos uma divisão correta entre os informantes, sendo eles 7 com ensino médio e 5 com ensino fundamental.

Tabela 06: Representação do fator social escolaridade

Escolaridade	Total	Frequência (%)
ENSINO FUNDAMENTAL	64	51,61%
ENSINO MÉDIO	60	48,39%
Total	124	100%

Fonte: Elaboração Própria

Ao analisarmos os dados da Tabela, podemos perceber que mesmo com a divergência em relação à escolaridade dos informantes, a ocorrência da dupla negação prevalece aos informantes com o menor grau de escolaridade, onde falantes com o ensino fundamental apresentam 64 falas, contabilizando (52%) dos dados, enquanto os falantes do ensino médio utilizam de 60 falas (48%) das ocorrências. Mesmo sendo dados bem aproximados, esse resultado vai de acordo com os estudos sociolinguísticos e também com os resultados das pesquisas de Nunes (2014), Furtado da Cunha (2001), Goldnadel (2013) e Cavalcante (2007) segundo os quais ocorria o aumento da dupla negação conforme diminuía a escolaridade dos informantes. Esses dados reforçam a ideia de que os falantes com menor grau de escolaridade preservam estruturas linguísticas mais recorrentes na oralidade popular, uma vez que não sofreram tanta influência das normas gramáticas escolares.

Após essa explanação sobre os resultados alcançados, é necessário atentarmos ao fato que há poucas diferenças entre os dados, o que podemos dizer que esse fenômeno da dupla negação já é uma forma que compõe o repertório linguístico dos falantes monteirenses. Mas, buscando responder aos nossos questionamentos iniciais, podemos dizer que dentro do fator sexo, mesmo que com mínima diferença, as mulheres foram as que mais realizaram a dupla negação durante suas falas. Referente à faixa etária, o grupo de informantes com 25-45 anos foram os que mais recorreram ao fenômeno nas falas. Ao compararmos todos os dados de acordo com cada fator, percebemos que o fator social que mais exerce

influência nas ocorrências da dupla negação é o de moradia. Com base nos estudos já trazidos para a pesquisa, entendemos que essa conclusão se justifica por todo um contexto social, cultural, histórico e socioeconômico, por se tratar de áreas mais afastadas de diversas práticas comunicativas. Em seguida, o fator escolaridade que mesmo tendo uma divergência nos perfis dos informantes, com 5 falantes de ensino fundamental e 7 com ensino médio, mesmo assim, os números de ocorrências pontuam o nível escolar fundamental como maior utilizador desse fenômeno, somando cerca de 52% dos casos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho, buscou-se refletir sobre os principais aspectos que envolvem os estudos sociolinguísticos, sempre mostrando a importância de compreender a língua como um fenômeno dinâmico, socialmente condicionado e em constante transformações. Após toda explanação sobre as variações linguísticas e a reflexão sobre a valorização das diversas formas de expressão dos falantes, podemos perceber que não há uma única maneira “correta” de falar, mas sim diferentes usos linguísticos que refletem a diversidade cultural, regional, social da comunidade.

Este trabalho buscou analisar o fenômeno da dupla negação, evidenciando como os fatores sociais da região geográfica, faixa etária, sexo e escolaridade influenciam diretamente no uso dessa estrutura. Muitas vezes, frequentemente desvalorizada pelas normas das gramáticas tradicionais, a dupla negação constitui um recurso linguístico amplamente utilizado por diferentes grupos sociais em diversos contextos de comunicação.

Os estudos sociolinguísticos mostraram-se fundamentais para compreender como fatores sociais influenciam diretamente no uso da linguagem, buscando assim, valorizar a pluralidade e reconhecer as variedades linguísticas. De acordo com Bagno (2007, p. 54), “não existe nenhuma variedade linguística intrinsecamente superior à outra. O que existe é a atribuição de prestígio social a certas variedades, em detrimento de outras”. Sendo assim, todas as variedades são igualmente válidas de acordo com o ponto de vista linguístico, a interferência que acontece é o fato de que algumas dessas variedades ganham mais prestígio por estarem próximas a grupos sociais dominantes. Ainda seguindo esse apontamento, Labov (2008, p. 23) defende que “as variedades linguísticas marginalizadas são, na verdade, sistemas estruturados e regulares, com regras próprias, que merecem o mesmo grau de estudo e respeito que as variedades prestigiadas”. Levando em conta essas pontuações, é fundamental nos estudos sociolinguísticos valorizar a diversidade linguística.

Em suma, a nossa pesquisa revelou que os moradores da zona rural utilizam mais a dupla negação do que os da zona urbana, refletindo padrões de preservação linguística em contextos menos expostos à norma-padrão. Além disso, quanto ao sexo, percebeu-se uma leve predominância no uso da dupla negação entre as mulheres, embora que essa diferença não tenha sido muito significativa. Em relação à faixa etária, os falantes entre 25 e 45 anos foram os que mais utilizaram a dupla negação, o que pode acarretar que o uso frequente dessa estrutura pode indicar a sua estabilização no português brasileiro contemporâneo. E quanto ao nível escolar, os falantes com menor grau de escolaridade tendem a empregar com mais frequência a dupla negação, o que reforça a associação entre práticas linguísticas e níveis formais de ensino.

Espera-se que este trabalho possa contribuir para ampliar a noção sobre a riqueza e complexidade do português brasileiro.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.
- ALKMIN, Tânia Maria. Sociolinguística - Parte I. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna. C. (Orgs.). **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras, v. 1. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro?** Um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.
- BAGNO, Marcos. A inevitável travessia: da prescrição gramatical à educação linguística. In: BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. **Língua materna**: letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola editorial, 2002.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Gramática de bolso do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 38. ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BELINE, Beatriz. Em sentido bastante amplo. In: SIGNORINI, Inês (Org.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade**: questões e perspectivas. Campinas: Mercado de Letras, 2003. p. 117-128.
- BELINE, Ronald. A variação linguística. In: FIORIN, José Luiz. **Introdução à linguística - Objetos teóricos**. 6º ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola editorial, 2005.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística - Parte II. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna. C. (ed.). **Introdução à Linguística**. São Paulo: Cortez, 2001.

CAMACHO, Roberto Gomes. Norma culta e variedades linguísticas. In: **Pedagogia Cidadã: cadernos de formação. Língua portuguesa Vol. 1.** São Paulo: UNESP, Pró-reitoria de Graduação. 2004

CAMPOS, Lucas Santos. **A negação prefixal na história da Língua Portuguesa.** 2004. Tese (doutorado) - Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, 2004.

CAVALCANTE, M. C. A. **Aspectos pragmáticos da negação sentencial.** Cadernos do IL, Porto Alegre, n. 42, p. 236-259, 2007.

CLARETO, Sônia Maria. Pesquisa qualitativa: enfoque e aspectos metodológicos. In: ZANELLA, Andréa Vilaça; SILVA, Ana Márcia F. da; TASSARA, Eliane T. (Org.). **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios.** São Paulo: Cengage Learning, 2004.

COELHO, Izete Lehmkuhl. **Sociolinguística.** Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FURTADO DA CUNHA, M. A. **O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação.** D.E.L.T.A., v. 17, n.1, p. 1-30, 2001.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002

GOLDNADEL, M. **A negação dupla no português paulistano.** 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de São Paulo, 2013.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder.** São Paulo, Martins Fontes, 1985.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos.** São Paulo: Contexto, 2009.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **Linguística: uma introdução à ciência da linguagem.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação.** São Paulo: Cultrix, 2003

LABOV, William. **Sociolinguística: uma entrevista com William Labov.** Revista virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LUCCHESI, Dante. **Língua e sociedade partilhada: a diversidade linguística do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MOLLICA, Maria Cecília. **A inevitável travessia: da prescrição gramatical à educação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. Rio de Janeiro: Contexto, 2003.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. 3. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à análise do discurso: fundamentos teóricos e metodológicos**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

NEVES, M.H. de M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2014.

NUNES, E. S. O. **A negação do Português falado no Rio de Janeiro: um estudo baseado em corpus**. 2014. Revista do SELL. v° 4 n°1 p.1-19.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1996.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 2006

RODRIGUES, A. C. A gramática do português falado e a escola: uma proposta de reflexão. In: VIEIRA, C. A.; DUARTE, M. E. L.; FARACO, C. A. (Org.). **Língua portuguesa: variação e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 67-85

SALOMÃO, Ana Cristina Biondo. **Variação e Mudança Linguística: Panorama e Perspectivas da Sociolinguística Variacionista no Brasil**. Fórum linguístico, Florianópolis, v. 8, n2, p. 187-207, jul./dez. 2011.

SUASSUNA, Livia. **Ensino de Língua Portuguesa: uma abordagem pragmática**. Campinas: Papirus, 1995.

STEIN, C.C. et al. **Corpus Linguístico da Paraíba (CoLingPB)**. João Pessoa-PB: UFPB, 2015.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo, Ática, 1994.